

Preliminares distantes de 2002



Newton Rodrigues

O presidente da República está, claramente, executando novo projeto promocional, pretendendo melhorar seus pesados índices de rejeição. Do penteado com ondas bem calçadas ao caprichado laço na gravata, tudo vem sendo cuidado para apresentação de discretos sorrisos ou largos sorrisos, segundo as circunstâncias. Mas o eixo da tentativa está no comportamento diante das câmeras. Então, fala com populares, recebe belas artistas e beija criancinhas, de preferência pobres, enquanto em quase toda a imprensa, nas rádios e nos vídeos é personagem permanente, citado várias vezes na mesma coluna. Como automassagem do ego, isso pode ser bom, mas a realidade costuma ser imune a tal expediente, usado depois de quase seis anos do desgastado governo. Como estilo é o homem, na aproximação do Natal, não deixou de revelar-se em desastrada antecipação do corte das verbas orçamentárias destinadas a cestas básicas, doadas para suprir a fome de famílias carentes. Simultaneamente, ensaiou mais uma vez a tributação de aposentados e pensionistas, embora projetos semelhantes já tenham sido rejeitados no Congresso e fulminados nos tribunais.

Nem por isso as atividades políticas estão em recesso, o que logo se vê nos confrontos pelas presidências do Senado e da Câmara. Trata-se, como sugeriu Antonio Carlos Magalhães, de dois problemas nos quais, por mais que deseje passar ao largo, FHC não se pode omitir, porque estão em jogo sua influência no Congresso

e a permanência do esquema dos grandes partidos que formam o Clubão, que é sua base de apoio. O foco da questão parlamentar é a candidatura Jáder Barbalho, que torna, segundo ACM, "dever divulgar o tamanho do mal que faria ao País um presidente do Congresso sem respeitabilidade. É muito perigoso — acrescentou — quando a Nação perde seus valores maiores" (OESP 26/11/00).

Assim vai a guerra, com o baiano articulando a candidatura Sarney, peemedebista como Jáder, que concorreria diretamente no plenário. O fato de Sarney manter-se calado indica que está de acordo com o articulador, pois quem cala, consente. Também na Câmara, o tucano Aécio Neves, moço tão pragmático que substituiu o sobrenome herdado do pai pelo do avô materno, muito popular, sobretudo depois da morte às vésperas de assumir a Presidência da República, prepara-se para concorrer à presidência da Câmara, antes destinada a Inocêncio Oliveira. Se tiver êxito, sacramentará a defenestração do PFL das duas casas do Congresso, oficializando uma fratura que se

vem alargando e que, no devido tempo, pesará nas articulações do próximo pleito presidencial.

Nada está impedindo, porém, manobras preliminares de candidatos ou pré-candidatos. Seguindo o roteiro alinhavado por Fernando Henrique, como fundamental para manter unido o Clubão, Antonio Carlos está incentivando publicamente a can-

didatura de Tasso Jereissati, que acaba de ver derrotado seu candidato à prefeitura de Fortaleza. Devido à pequena densidade demográfica da região, quase sempre foi impossível levar um nordestino à Presidência, mesmo quando o candidato tinha o gigantesco porte cultural e democrático de Rui Barbosa. A exceção de Epitácio Pessoa foi alcançada em circunstâncias extraordinárias, e a de Sarney, em outras ainda mais evidentes, uma vez que eleito apenas vice em eleição indireta herdou todo o mandato de Tancredo Neves, a poucos dias da posse. Se, antes, a possibilidade era escassa, quando o eleitorado compreendia pequena porcentagem de reduzida população, facilmente manobrada pelos chefes políticos, hoje é ainda mais difícil, em face de um montante de mais de 100 milhões, fortemente concentrado no Sul e Sudeste, e com acesso a modernos meios de comunicação e uso do voto secreto.

Dessa forma, a candidatura inicialmente mais forte continua a ser a de Lula, entretanto marcada ao mesmo tempo por grande fun-

do de votos e por sucessivas derrotas em sua disputa pelo Planalto. A grande ascensão do PT nas últimas eleições municipais, quando alcançou envergadura de grande partido, o faz peça-chave. A estratégia a adotar é, porém, sobremodo complexa, já que a tendência partidária é repetir a dose, pois "Lula lá" ajuda as demais candidaturas do partido, além de que o próprio Luís Inácio tem mostrado pouca vontade de passar o bastão, o que em nada reduziria sua posição de líder máximo da organização. José Dir-

ceu, presidente do partido, admite a disputa interna e até declarou que Eduardo Suplicy já deve ser considerado pré-candidato. Ninguém, entretanto, arriscaria uma disputa com Lula na convenção, o que o confirma como verdadeiro árbitro da situação. O retrospecto das disputas presidenciais do PT indica que sua tentativa escoteira, sem alianças, conduzirá a nova derrota, mostrando como possível caminho a postura mais larga, em que até a cabeça de chapa poderia estar em jogo, o que já foi oficialmente rejeitado pela direção. Como Lula prometeu definir-se em março, o provável é que se tenha de esperar até lá.

Enquanto Roseana Sarney não tem a menor chance, Ciro Gomes poderá crescer no primeiro turno se conseguir aliar-se a tucanos que estão carentes de candidatos fortes, pois os mais destacados estão, como Covas, fora do jogo, por motivos de saúde, e outros, como Serra, preferem outras disputas. Pedro Simon, peemedebista, e Jaime Lerner, pefelista, já se autolancaram, mas ainda não conseguiram definir a que vêm. Afirma-se, assim, como um dos dados fundamentais a evolução das negociações pela fusão do PDT e com o PTB, que voltariam a um só ninho e poderiam servir de base importante a uma candidatura de centro-esquerda, como a de Itamar Franco, que já teve encontro com Brizola e desistiu de ingressar no PSB depois que esse partido se abriu para Garotinho, que já partiu contra Itamar com o destempero que lhe é peculiar. Pelo visto, admite repetir no PSB a tática tentada no PDT, onde só não te-

ve êxito na disputa pela chefia em vista da experiência de Brizola, que, depois de perder uma sigla, não admitiu perder outra.

Até agora, o governador de Minas não demonstra pressa na definição, embora seja sabidamente candidato. Seu cacife é grande, como tem demonstrado, e sua base é Minas, o segundo maior colégio eleitoral, e menos

**Enquanto
Roseana Sarney
não tem chance,
Ciro Gomes pode
crescer caso se
alie a tucanos**

repartido que o de São Paulo, tendo ampliado a influência pela firmeza com que tem resistido às exigências do FMI e à política neoliberal do

atual governo, que espera nos próximos meses acabar a privatização do que reste de empresas estatais. Em sua longa entrevista de ontem (JB 28/11/00), Itamar, embora considerando cedo para lançar-se, não deixa de exaltar sua própria viabilidade, inclusive declarando ter apoios no PMDB, insistindo em uma frente ampla de centro-esquerda e enfatizando sua firme e justa oposição a FHC. Estranhamente, porém, estendeu-se em propostas mal cosidas e sem a menor possibilidade de aprovação, como a convocação de uma constituinte imediata, reforçada por personalidades não eleitas, à qual, entre outras tarefas, competiria eleger o próximo presidente da República. Defender a eleição indireta, a esta altura dos acontecimentos, depois de a escolha popular ter sido reconquistada, é, no mínimo, um ato de alienação política, com possibilidade zero de adoção. Por que um político da importância e da experiência de Itamar saiu-se com essa, só ele mesmo poderia explicar, mas sem convencer. ■